



**UEPB**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS I**

**CENTRO DE EDUCAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA**

**RAYANE ALVES ARAÚJO**

**CONSEQUÊNCIAS DO PATRIARCADO EM CRISE, EM LITURGIA DO FIM, DE  
MARÍLIA ARNAUD**

**CAMPINA GRANDE – PB  
2020**

RAYANE ALVES ARAÚJO

**CONSEQUÊNCIAS DO PATRIARCADO EM CRISE, EM LITURGIA DO FIM, DE  
MARÍLIA ARNAUD**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado a/ao Coordenação /Departamento do Curso de graduação em Letras – Língua Portuguesa da Universidade Estadual da Paraíba – Campus I, como requisito parcial à obtenção do título de graduado em Letras.

**Área de concentração:** Linguística, Letras e Artes.

**Orientador:** Prof. Dr. Eli Brandão da Silva. (UEPB)

**Co-orientadora:** Prof<sup>a</sup>. Ms. Patrícia Valéria Vieira da Costa. (UEPB)

**CAMPINA GRANDE - PB  
2020**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

A663c Araujo, Rayane Alves.  
Consequências do patriarcado em crise, em Liturgia do Fim, de Marília Arnaud [manuscrito] / Rayane Alves Araujo. - 2020.  
24 p.  
Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2020.  
"Orientação : Prof. Dr. Eli Brandão da Silva, Departamento de Letras e Artes - CEDUC."  
1. Regionalismo. 2. Patriarcado. 3. Mulher. 4. Literatura. I.  
Título

21. ed. CDD 801.95

RAYANE ALVES ARAÚJO

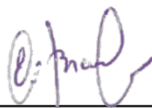
CONSEQUÊNCIAS DO PATRIARCADO EM CRISE, EM LITURGIA DO FIM,  
DE MARÍLIA ARNAUD

Trabalho de Conclusão de Curso  
(Artigo) apresentado a/ao  
Coordenação /Departamento do  
Curso de graduação em Letras –  
Língua Portuguesa da Universidade  
Estadual da Paraíba – Campus I,  
como requisito parcial à obtenção do  
título de graduado em Letras.

Área de concentração: Linguística,  
Letras e Artes.

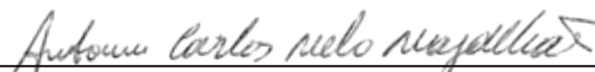
Aprovada em: 15/12/2020.

**BANCA EXAMINADORA**



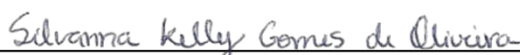
---

Prof. Dr. Eli Brandão da Silva (Orientador)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



---

Prof. Dr. Antônio Carlos de Melo Magalhães  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



---

Profa. Ma. Silvanha Kelly Gomes de Oliveira  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Ao ser mulher, especialmente à minha mãe  
e às minhas irmãs, DEDICO.

Que nada nos defina. Que nada nos  
sujeite. Que a liberdade seja nossa própria  
substância.

(Simone de Beauvoir)

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>7</b>
<b>2</b>	<b>FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA .....</b>	<b>9</b>
<b>2.1</b>	<b>Considerações sobre o Regionalismo na contemporaneidade.....</b>	<b>9</b>
<b>2.2</b>	<b>Espaço – tempo social e histórico .....</b>	<b>11</b>
<b>2.3</b>	<b>O eixo da literatura contemporânea regionalista .....</b>	<b>12</b>
<b>3</b>	<b>ANÁLISE E DISCUSSÕES .....</b>	<b>13</b>
<b>4</b>	<b>CONCLUSÃO .....</b>	<b>21</b>
<b>5</b>	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>22</b>

## CONSEQUÊNCIAS DO PATRIARCADO EM CRISE, EM LITURGIA DO FIM, DE MARÍLIA ARNAUD

### CONSEQUENCES OF PATRIARCHY IN CRISIS, IN THE BOOK LITURGY OF THE END, BY MARÍLIA ARNAUD

Rayane Alves Araújo <sup>1</sup>

#### RESUMO

A presente pesquisa objetiva analisar, a partir de extratos figurativos e temáticos, como a crise do patriarcado gera consequências para as personagens femininas na obra **Liturgia do fim**, de Marília Arnaud, considerando a hipótese de um regionalismo sobrevivente. Para tanto, buscaremos elaborar um estudo interdiscursivo entre literatura e cultura e interpretar sentidos perceptíveis inscritos na pluridiscursividade metafórica da obra. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, de natureza qualitativa, efetivada por abordagem plurimetodológica, compreendendo elementos de semântica discursiva, com realce nos conceitos de figura e tema, de Fiorin e Maingueneau, operacionalizada por uma hermenêutica que se apoia em contribuições de Ricoeur. O processo de análise e interpretação será feito com base no tema patriarcado e suas consequências para as figuras das mulheres. Podemos concluir que a obra *Liturgia do Fim* (2016) emerge como possibilidade de compreensão da crise patriarcal e suas consequências graças às figuras e temas nela encontradas que revelam aspectos de um regionalismo sobrevivente. Observa-se na obra estudada que a tendência regionalista, expressa por meio de um patriarcado em crise, reaparece renovada na literatura contemporânea. Concluímos também que o estudo literário do drama existencial das personagens femininas e suas relações com o sistema patriarcal contribui para alargar a compressão da cultura e da sociedade, em particular, a nordestina. Para fundamentar a discussão, traremos o seguinte aporte teórico sobre a representação contemporânea do regionalismo por meio de teóricos e críticos como Antonio Candido (2006), Chiappini (1995), Nazaré (2017) e outros.

**Palavras-chave:** Regionalismo. Patriarcado. Personagens femininas.

#### ABSTRACT

The present research aims to analyze, from figurative and thematic extracts, how the crisis of the patriarchy generates consequences for the female characters in the work ***Liturgia do Fim***, written by Marília Arnaud in 2016, considering the hypothesis of a surviving regionalism. For that, we attempt to elaborate on an interdiscursive study between literature and culture, as well as interpret perceptible meanings inscribed in the metaphorical discursivities of the work. Through bibliographic research of a qualitative nature, we implement a plurimethodological approach, comprising of discursive semantic elements, with emphasis on the concepts of figure and theme by Fiorin and Maingueneau, operationalized by an hermeneutics, and based on contributions offered by Ricoeur. The subsequent analysis and interpretations are built

---

<sup>1</sup> Graduanda em Letras – Língua Portuguesa, pela Universidade Estadual da Paraíba – UEPB. E-mail: rayanealves262@gmail.com.



on the theme of patriarchy and its consequences on the figures of women. We conclude that the book, *Liturgia do Fim*, emerges as a possibility to understand the patriarchal crisis and its influences due to the highlighted themes and figures that reveal aspects of a surviving regionalism. It is observed in the work studied, that the regionalist tendency, expressed through a patriarchy in crisis, reappears renewed in contemporary literature. We also conclude that the literary study on the existential drama of the female characters and their relations with the patriarchal system contributes to widen the compression of culture and society, in particular, the Northeastern. To support the discussion, we will bring the following theoretical contribution on the contemporary representation of regionalism through theorists and critics such as Antonio Candido (2006), Chiappini (1995), Nazaré (2017) and others.

**Keywords:** Regionalism. Patriarchy. Female characters.

## 1 INTRODUÇÃO

Sabemos que além de uma manifestação artística do homem na sociedade, a Literatura é, sobretudo, uma das formas de manifestar a cultura. Esse fato permiti-nos entrever que existe uma estreita relação entre cultura e Literatura, isto porque a Literatura retrata questões da existência humana que são discutidas pelos estudos culturais. Essa relação possibilita que a Literatura possa ser estudada à luz dos estudos culturais, visto que o texto literário é um rico repositório de aspectos culturais engendrados na vida humana e, portanto, através dele podemos refletir práticas e valores culturais que se encontram ancorados em um determinado contexto social, vinculados à existência humana.

Destarte, a obra *Liturgia do fim*, de Marília Arnaud, emerge como possibilidade de que um estudo como esse possa acontecer, já que ela permite explorar o patriarcado na Literatura. Publicada em 2016, a narrativa da obra é tecida poeticamente por meio da ambientação rural, através dos fios da memória de Inácio Boaventura, narrador-protagonista que conta a história da própria vida, ao mesmo tempo que relata as vivências de toda sua família, isto é, dos outros personagens da trama, sempre na busca de desenvolver um relato brutal do patriarcado. A história percorre as trilhas de uma tragédia familiar, em que o clã Boaventura é cercado pelos modos patriarcais de um homem autoritário e violento que é revestido de uma pseudorigidez moral, representando o patriarcado em crise. Nesse contexto, seremos levados a um ambiente decadente que se torna palco para rememorar os conflitos familiares, violências e acontecimentos cruéis, que na realidade refletem a decadência daquele que era a antiga figura de poder.

Nesse ínterim, por sua natureza plurissignificativa, a literatura nos possibilita graças ao processo de metaforização construído ao longo da trama narrativa, interpretar o mundo humano no mundo texto, em sintonia com o que afirma Ricour (1995, p. 81) “As metáforas são precisamente a superfície linguística dos símbolos e devem seu poder de relacionar a superfície semântica com a superfície pré-semântica nas profundidades da experiência humana”. Portanto, a possibilidade hermenêutica em nossa abordagem surge graças as contribuições de Ricoeur (1995), que nos

possibilita propor este estudo, que consiste em desenvolver uma interpretação dos sentidos perceptíveis inscritos na pluridiscursividade da obra.

Além disso, é importante saber que em nossa análise será considerado o processo interdiscursivo que ocorre quando se integra percursos temáticos e/ou figurativos de um discurso em outro. Desse modo, o interdiscurso pode ser entendido melhor através da distinção entre as noções de universo discursivo; campo discursivo; e espaços discursivos. O universo discursivo, é constituído por um conjunto de formações discursivas de todos os tipos que interagem numa dada conjuntura, não podendo ser, devido a sua amplitude, apreendido em sua globalidade; o campo discursivo, refere-se ao conjunto de formações discursivas que se encontram em concorrência e se delimitam mutuamente em uma região determinada do universo discursivo; e o espaço discursivo, delimitam subconjuntos ou recortes que o analista isola no interior de um campo discursivo tendo em vista os propósitos específicos de sua análise (MAINGUENEAU, 1995). Destarte, esse estudo se fundamenta em contribuições de Maingueneau (1995), tendo em vista realizar a análise da obra *Liturgia do Fim*, com foco na relação entre literatura e cultura em um contexto regionalista, no qual se entrevê um patriarcado em crise e suas consequências, o qual nos permite refletir sobre questões existência humana.

Por essa complexidade, nossa abordagem nesse trabalho é mais próxima do que chamamos de hermenêutica interdiscursiva. Isto posto que se trata de uma hermenêutica com degrau analítico, que conjuga elementos da semântica discursiva. Ademais, a tessitura narrativa regionalista e contemporânea pode ser analisada através das lentes da semântica discursiva, na qual Fiorin (2005) revela mecanismos internos de construção de sentido, que dizem respeito às figuras e temas e os seus percursos na narrativa. Importa compreender que a figura se refere a algo existente no mundo natural existente ou construído e já o tema, refere-se a um investimento semântico, são categorias que organizam os elementos do mundo natural. Assim, Conforme Fiorin (2005, p.91): “os discursos figurativos têm uma função descritiva ou representativa, enquanto os temáticos têm função predicativa ou interpretativa. Dessa forma, figuras e temas constroem uma rede de sentidos na tessitura narrativa, composta por percursos temáticos e figurativos. Assim, o percurso temático refere-se ao encadeamento de temas que se harmonizam entre si; e já o percurso figurativo refere-se ao encadeamento de figuras.

Nesse contexto, podemos analisar uma obra contemporânea, na qual o regionalismo é sobrevivente, através da contextura de sentidos, em que as figuras e temas tornam-se uma possibilidade de análise em relação ao patriarcado em crise. Destarte, apresentados tais conceitos, em nossas análises iremos nos deter a estudar o tema do patriarcado e as figuras das mulheres, no sentido de como as personagens femininas são afetadas de alguma forma por estarem em meio à crise patriarcal.

Objetivamos neste trabalho analisar, na obra acima descrita, como a crise do patriarcado gera consequências para as personagens femininas no contexto do regionalismo contemporâneo, a partir de extratos figurativos e temáticos. Para isso, busca-se mostrar como acontece a regionalidade na literatura contemporânea, além de como esta regionalidade potencializa o esquema patriarcal, para, em seguida, expor a recriação desse espaço patriarcal em sua decadência, afim de interpretar as consequências do patriarcado em crise para as personagens femininas, entrevistas através da pluridiscursividade metafórica da obra e elaborar um estudo interdiscursivo entre literatura e cultura.

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, de natureza qualitativa, realizada por meio de uma análise cuja abordagem é plurimetodológica, visto que se fundamenta em aportes

da semântica discursiva, com realce nos conceitos de figura e tema, de Fiorin (2005) e Maingueneau (1997), e, num degrau hermenêutico, apoia-se nas contribuições de Ricoeur (1995). O processo de análise e interpretação será feito com base no tema patriarcado e suas consequências para as figuras das mulheres, isto é, as personagens femininas da obra, no contexto de um regionalismo sobrevivente. Para fundamentar a discussão, traremos o seguinte aporte teórico sobre a representação contemporânea do regionalismo por meio de teóricos e críticos como Antonio Candido (2006), Chiappini (1995), Nazaré (2017) e outros.

Justificamos o presente estudo, pelo fato de considerarmos que a literatura não pode ser vista apenas como entretenimento, mera conotação ou mera reprodução do mundo vivido, mas também deve ser vista como recriadora e crítica deste, pois para além da sua dimensão estética e ficcional, ela faz referência à realidade humana. Portanto, este trabalho nos permitirá observar que a literatura é um rico repositório de aspectos culturais, assim como possibilitará refletir pelo viés cultural, do patriarcalismo em crise, a ficcionalização da existência humana. Por outro lado, este estudo ainda se faz relevante, pois põe em pauta discussões em torno da renovação do regionalismo na literatura contemporânea, ainda muito problematizado pela crítica literária, ao mesmo tempo que traz à tona a relevância da produção bibliográfica de autoras nordestinas e contemporâneas.

## **2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

### **2.1 Considerações sobre o Regionalismo na contemporaneidade**

Há muito tempo no âmbito literário existe uma discussão em relação ao Regionalismo e isso não é novidade. Alvo da crítica literária, essa tendência foi cercada por uma confusão conceitual que a configurou de modos distintos durante seu percurso na literatura.

A princípio podemos observar essas configurações através das reflexões de Antonio Candido em “Literatura e subdesenvolvimento”, que classificou a Literatura Regionalista em três fases entrelaçadas à trajetória do subdesenvolvimento do Brasil. Segundo Candido (1963), na primeira fase tivemos o Regionalismo pitoresco, em que a consciência de “país novo”, em relação a independência do Brasil em 1822, motivou a escrita de obras voltadas para descrição de regiões (cidades e campos) e dos costumes. Na segunda, por volta de 1930, tivemos o Regionalismo problemático, em que a consciência de “país subdesenvolvido” e, portanto, atrasado, refletiu na escrita de obras voltadas para a crítica social, ou seja, a representação da realidade das regiões, da desigualdade nas condições de vida e trabalho. Por fim, o crítico aponta a fase “superregional”, termo elegido para nomear obras que “ultrapassavam” os limites das fases anteriores, universalizando a região.

Essa classificação trouxe contribuições significativas se pensarmos no descortinamento proposto por Candido (1963) acerca de um contexto literário que ainda motivava questionamentos e investigações. No entanto, essa mesma classificação, além de correlacionar regionalismo de maneira restrita a narrativas ambientadas em solo rural, provocou interpretações engessadas que perduram até hoje. Outrossim, segundo Santini (2011), o modelo de interpretações de Candido, resultou em um dualismo que separa local x universal de modo extremo e que, conseqüentemente, acabou limitando o regionalismo, uma vez que as obras regionalistas foram divididas e rotuladas em obras localistas, que seriam as narrativas

descritivas relacionadas a regiões rurais que contemplavam o sentimento de subdesenvolvimento; e obras universais, aquelas que ultrapassavam esses limites, refletindo os dilemas humanos a partir da universalidade da região, sendo, portanto, superregionais.

Como podemos observar, a forma como Candido (1963), interpretou, classificou e rotulou o regionalismo, é uma dentre várias estereotipações em que o regionalismo é posto. Sendo assim, é importante compreender que o estereótipo de Candido, configurou o regionalismo como uma tendência limitada e ultrapassada, visão que é arrastada até hoje pela crítica literária. Posto isso, foi necessário revisitar todo esse percurso da tendência regionalista para compreendermos como o Regionalismo já foi configurado no passado, no intento de refletir e compreender sua configuração na contemporaneidade.

Através dos estudos de Chiappini (1995), pesquisadora contemporânea que enfrentou o desafio teórico de estudar o Regionalismo, podemos observar o rumo que essa tendência seguiu e assim compreender como ela se mantém na Literatura Brasileira Contemporânea. Em seus estudos recentes, Chiappini (2013) desconstrói a ideia cristalizada do regionalismo enquanto tendência temática de regiões rurais, conceituando-a enquanto “um modo de formar híbrido”, uma vez que utiliza formas de escrita urbana como se dirige também para este público e ao mesmo tempo, através da ficção aborda o homem rural, não só em seus aspectos superficiais e exteriores, mas sobretudo em seus aspectos interiores, transcendendo os limites locais e atingindo um nível simbólico e conseqüentemente universal, uma vez que “(...) o universal se realiza no particular, superando-se como abstração na concretude deste, permitindo a este se superar-se como concreto na generalidade daquele.” (CHIAPPINI, 1995, P. 158).

Nesse contexto, a tendência regionalista se renovou na contemporaneidade não mais pelos seus antigos “moldes” referenciados por Dalcastagnè (2012), mas a partir de uma nova configuração, num plano muito mais significativo, no qual se constitui através do que Chiappini (1995) chama de *Regionalidade*, uma expressão regionalista que corresponde ao elo entre as descrições espaciais e as representações simbólicas de uma determinada região que retratam a condição humana.

Segundo Chiappini (1995), pensar no Regionalismo literário contemporâneo, é necessário compreender que ele está correlacionado à ideia da regionalidade. A regionalidade é a construção de um espaço físico que é recriado de maneira ficcional, atingindo a dimensão simbólica para refletir sobre os dilemas humanos, ou melhor, é através da regionalidade que os espaços são apresentados, e é a partir deles que se constitui as narrativas que refletem simbolicamente a condição humana, definindo o “ser regional”, em relação às obras contemporâneas.

Destarte, é a regionalidade que possibilita, através de uma determinada região, seja ela ambientada em solo rural ou urbano, refletir simbolicamente o homem contemporâneo e suas problemáticas, expressando toda sua carga de vida através de um espaço, que segundo Chiappini (1995) é ao mesmo tempo vivido e subjetivo e remete a contextos históricos-sociais. Desse modo, é por meio das marcas da regionalidade que é possível reconfigurar o vivido e o subjetivo e ao mesmo tempo rememorar questões histórico-sociais que influenciam na constituição do homem contemporâneo.

Trata-se, portanto, de negar a visão ingênua da cópia ou reflexo fotográfico da região. Mas, ao mesmo tempo, de reconhecer que embora ficcional, o espaço regional criado literariamente aponta, como portador de símbolos,

para um mundo histórico-social e uma região geográfica existentes. (CHIAPPINI, 1995, P.158)

Em outras palavras, a partir do que coloca Chiappini (1995), a região ficcionalizada existe enquanto regionalidade, ou seja, ela ultrapassa os limites geográficos e representa um espaço simbólico, que espelha retratos históricos-sociais de uma determinada região geograficamente existente, e ao mesmo tempo reconfigura o vivido e o subjetivo. Nesse sentido, o Regionalismo nas produções literárias da atualidade ultrapassa os limites rurais e sobretudo geográficos através da regionalidade, se renovando enquanto uma possibilidade de recriar o vivido por meio de um espaço, seja ele rural ou urbano, que é ao mesmo tempo físico e ficcional, atingindo assim, uma dimensão simbólica que reflete condições humanas. Contribuindo com o que foi mencionado, Costa e Silva (2016, p.3165), afirma que:

(...). Quer seja na ambientação rural, quer seja na ambientação citadina, o que de fato marca a sua presença e evidencia a continuidade da temática regional na atualidade é a maneira como essa tendência se renova, ao utilizar os espaços físicos como meio metafórico de simbolizar a região e de correlacioná-la à constituição do indivíduo.

Desse modo, podemos concluir as obras regionalistas contemporâneas permanecem vivas graças à regionalidade. É por meio dessa que é possível entrelaçar espaços geográficos, históricos e subjetivos com a atual constituição do homem contemporâneo, em suas vivências e seus conflitos.

## 2.2 Espaço – tempo social e histórico

Enquanto elemento da narrativa, o espaço nas obras regionais contemporâneas não é apenas um lugar demarcadamente geográfico ou um mero cenário que não tem relação nenhuma com os personagens, mas sim uma construção ficcional recriada que aponta para um determinado contexto histórico-social e uma determinada cultura, possibilitando um ambiente que reflete as condições humanas e seus conflitos subjetivos, e que tem nascedouro em conflitos inerentes a espaços sociais, históricos e culturais. Colaborando com essa assertiva, Costa (2017) ressalta a importância de compreender na obra a potência do espaço enquanto reflexo de um determinado contexto social e histórico, tendo em vista que a região, ficcionalizada, torna-se um parâmetro de como as relações inter e intrapessoais se relacionam com àquele local, revelando que o espaço, para além de uma mera ambientação, é matéria para aprender os motivos dos conflitos que constituem o enredo.

Portanto, todo espaço ficcional recriado simbolicamente, independentemente de ser rural ou urbano, é reflexo de um determinado tempo social e histórico, ou seja, ele transmite simbolicamente marcas inerentes àquele local, naquela época, naquele contexto social, que se internalizaram no homem contemporâneo, passando a refletir em seus comportamentos, em seus valores e, acima de tudo, em seus conflitos subjetivos. Em outras palavras, nas obras regionalistas contemporâneas os dilemas humanos são problematizados através de um espaço, que concomitantemente se torna palco para a reconstrução de um vivido e é reflexo de um tempo social e histórico que exerce influência no homem e seus conflitos atuais.

Nesse contexto, é necessário compreender quanto o espaço tem a ver com a regionalidade. Como coloca Chiappini (2013, p.52), a regionalidade pertence: “(...) ao domínio de uma poética do espaço” deixando evidente que é através das marcas da regionalidade que o espaço é construído simbolicamente, expressando traços de um

momento histórico e de uma realidade social que evidenciam vivências que influenciaram conflitos humanos contemporâneos.

Dessa maneira, apesar de, nas narrativas contemporâneas, o espaço ficcional se estabilizar em solo urbano na maioria das vezes, é importante compreender que o solo rural ainda é um meio fértil para construção de narrativas na atualidade, assim como, segundo Costa (2017), a coexistência de espaços urbanos e rurais em obras regionais, que possibilitam refletir conflitos intrínsecos à desigual absorção da cultura atual. Nesse ínterim, a narrativa ficcional nos permite recriar através dos fios da memória, o espaço rural em sua decadência, enquanto um reflexo simbólico do vivido em um determinado tempo social e histórico. No contexto do nosso trabalho, a manifestação do patriarcado é uma possibilidade, isto é, a recriação de um espaço patriarcal, motivador de violências e de conflitos familiares, que constituiu o homem e o fizeram ser o que é no presente, provocando seus dilemas humanos.

Em síntese, ao pensar no espaço ficcional enquanto reflexo de um tempo social e histórico é possível reconfigurar o vivido em um espaço patriarcal e entrever a manifestação desse patriarcado, através das marcas da regionalidade. Sendo assim, toda carga ideológica patriarcal, suas contingências, influências e consequências em relação a constituição do indivíduo e seus dilemas, são propostas pela regionalidade. Esta possibilita, simbolicamente representar esse contexto patriarcal e ao mesmo tempo o homem contemporâneo e seus conflitos.

Ou seja, a recriação de um espaço patriarcal ficcionalizado é uma possibilidade nas obras regionalistas contemporâneas. Sendo assim, o caráter patriarcal inerente àquele espaço se revela através das marcas da regionalidade, que permitem reconfigurar o vivido e, ao mesmo tempo, rememorar as heranças do passado de um contexto patriarcal, que se refletem no presente do homem contemporâneo.

### **2.3 O eixo da literatura contemporânea regionalista**

As noções de espaço tratadas anteriormente, já evidenciam que a literatura contemporânea de tendência regionalista “se encontra desamarrada de espaços territoriais em uma abordagem mais preocupada com problemáticas humanas”, NAZARÉ (2017, p.168). No entanto, é necessário compreendermos com nitidez, ao que essas questões problemáticas estão estreitamente relacionadas.

A priori, é importante destacar que na contemporaneidade, como já afirmava Chiappini (1995), a tendência regionalista se reatualiza como reação à chamada globalização e seus efeitos modernizantes. Isso significa, que essa tendência reaparece na atualidade discutido questões problemáticas do ser humano que está imerso ao processo de transições socioculturais. Colaborando com essa assertiva, Nazaré (2017) diz que:

O regional participa, hoje, da consciência de coexistência entre velho e novo, o tradicional e o sempre dinâmico, bem como da vontade de conciliação desses polos, dentro da busca por harmonia do indivíduo que transitou – e transita, dentro de suas memórias e conflitos – entre dois mundos, dois tempos históricos, com promessas tão distintas de vida. (NAZARÉ 2017, p. 165.)

Em outras palavras, uma das marcas da tendência regionalista na literatura na atualidade é refletir a condição humana em meio as mudanças históricos-sociais. Mudanças essas, que em nossa realidade não seguem um fluxo igualitário de modernização e nem são absorvidas de maneira homogênea, resultando em lugares

em fase de transições socioculturais que geram consequências para os sujeitos que nela estão.

À vista disso, podemos afirmar que ainda hoje, há sim literaturas produzidas em ambientes rurais, em que o lento processo de modernização é uma realidade e nos revela lugares constituídos por uma fase de transição que retratam de maneira simbólica um penoso caminho entre tradição e modernidade, reflexo do que a nossa sociedade ainda tem passado. No entanto, é válido ressaltar que “esses espaços pouco têm de territórios geográficos, se figurando como poços sem fundo para cada ser humano que nele habita, um poço sem fronteiras territoriais, que por vezes parece caber passado, presente e futuro; problemáticas, ausências e frustrações.” NAZARÉ (2017, P.13).

Além disso, é importante lembrar como já foi dito anteriormente no tópico 2.1, que a literatura regionalista hoje funciona através da regionalidade, ou seja, como esses espaços interferem na vida dos sujeitos, espaços esses, que são construídos como “um complexo local de trânsito e de trocas, como ponto propício para observar, nas entrelinhas da subjetividade dos personagens, um espectro mais amplo dos acontecimentos.” (PELINSER E ALVES, 2020, P.10). Em outros termos, o espaço recriado de maneira simbólica, e, portanto, regionalista é uma peça fundamental para compreender o vivido naquele local, que suscitou as problemáticas do ser humano.

Nesse contexto, é possível entrever na obra selecionada para esse estudo, a recriação de um espaço em que o sistema patriarcal ainda pungente, se encontra em desconstrução, isto é, em lento processo de decadência rumo à modernidade, e, portanto, nos permite analisar como as personagens femininas da obra estudada, são afetadas de alguma forma por estarem em meio à crise patriarcal, ou seja, nesse espaço e tempo social e histórico em meio a transição.

### 3 ANÁLISE E DISCUSSÕES

**Liturgia do fim** (2016), de Marília Arnaud, é uma obra nordestina produzida a partir de uma narrativa ficcional, tecida através dos fios da memória de Inácio Boaventura, narrador-protagonista, que recria um espaço patriarcal – o sítio chamado Perdição – através da regionalidade, esta que nos possibilita a recriação desse espaço como meio simbólico de reconfigurar o vivido pelos personagens, remontando uma tragédia familiar e, ao mesmo tempo, refletindo a subjetividade humana, meios de vida, cargas socioculturais absorvidas, reconstruindo conflitos e suas decorrentes consequências.

Destarte, é necessário compreender que a presença da regionalidade percorre toda a obra, pois é a partir dela que o sítio Perdição é recriado na tessitura narrativa enquanto um espaço patriarcal em sua decadência, que reflete simbolicamente àquele momento histórico de transição, àquele local, naquele contexto social e sua correlação com os personagens da trama narrativa. Portanto analisar o espaço recriado e o momento histórico, considerando os indícios narrativos que apontam para a segunda metade do século XX, em que modernidade e tradição estão em claro embate, são pressupostos fundamentais para uma interpretação plausível de como os personagens são construídos e redesenhados no âmbito da narrativa.

Vale ressaltar que em nossas análises os holofotes se voltam para as mulheres, isto é, às personagens femininas da obra, na perspectiva de como o espaço de decadência do patriarcado interfere de modos distintos no constructo dessas personagens e como elas podem sofrer consequências justamente por estarem

passando por aquele momento de transição, de ruptura do sistema patriarcal que reverbera uma crise. Para Adalgisa, dentre outros conflitos, a consequência é ter que lidar com pessoas mais resistentes e as desgraças dessas que lhe afetam diretamente; para Ifigênia, é o suicídio; para Tia Florinda, é a perda da sanidade mental; e para Ieda, é o abandono. Essas consequências serão melhor investigadas e discutidas a partir de um estudo mais detalhado dessas quatro personagens femininas por meio do enredo da obra citada, que veremos a seguir.

Antes de mais nada, ressaltamos que é por meio de um constante jogo memorialístico na narrativa, que passado, presente e futuro são remontados, assim como já mencionamos, o espaço é recriado simbolicamente, fazendo emergir na superfície textual as personagens e suas vidas, trazendo à tona seus meios de vida, situações, conflitos e consequências sofridas.

Posto isso, a primeira figura feminina a qual nos deparamos é a personagem Adalgisa, matriarca da família Boaventura, uma mulher pertencente aos modos patriarcais que aceita a repressão, e, portanto, por meio dela é retratada a submissão feminina, pois reflete a condição da mulher que precisa se adaptar às condições que a sociedade lhe impõe, e por isso sacrificar a sua vida, os seus desejos e sonhos pela reverência ao marido e ao sistema patriarcal.

Residindo em lugarejo de zona rural chamado Perdição e pertencente a um casamento tradicional, em que a autoridade masculina reinava, Adalgisa se encontra aprisionada ao seu destino de servidão, e, portanto, apenas aceita o que lhe era destinado, cumprir o seu “papel de mulher”, isto é, de ser uma boa esposa e mãe. Assim, nem se quer por um momento ela chega a se questionar a respeito dessa convenção ou do seu destino submisso pelo simples fato de ser mulher, como se vê ao observarmos pelo fluxo de memória do seu filho narrador-protagonista:

Se a vida era para ser vivida puramente, já que dela não se tinha controle – o homem põe e Deus dispõe –, então, mamãe apegava-se a isso, a viver o que a vida lhe demandava, fazendo o que tinha que ser feito, sem disposição para se aprofundar nos mistérios do existir, em porquês, cujas respostas, se existissem, escapavam a toda ciência, filosofia, religião, aos pensadores dos saberes, sem tempo para ser dar importância, para se indagar sobre o seu destino de servidão, uma servidão que lhe parecia estar em todo canto, e que brotava da terra, da sua boca, do seu sexo. (ARNAUD, 2016, p.16-17)

Com uma rotina familiar e doméstica, Adalgisa estava sempre pronta para servir em primeiro lugar a Joaquim Boaventura, o patriarca da família. Desde tirar os seus sapatos, limpar os seus pés, agasalhá-lo, fazer-lhe massagens, trazer-lhe copo d'água e xícaras de café; bem como servir primeiramente a ele o almoço e o jantar, em seguida ao resto da família e só por último é que ela ia para cozinha preparar o seu prato com as sobras, nem se quer sentava à mesa, o que causava muita revolta em seu filho, como vemos: “indignava-me de que naquela reverência a papai e devoção a família vivesse esquecida de si mesma (...), que se contentasse com o que eu julgava insignificante.” (OP.CIT, 2016, p. 15). Este sentimento trazido à tona pelo narrador-personagem mostra a que nível Adalgisa se encontra devota ao seu destino de servidão, chegando ao ponto de esquecer de si mesma, de se colocar sempre em último lugar, de se contentar com a vida cotidiana miserável e limitada que tinha, acreditando que para viver apenas lhe bastava ter um estoque suficiente de alimento, ter filhos saudáveis e poder alfabetizá-los e sobretudo ter um marido para decidir as coisas.

É interessante destacar que, além de esposa, mãe e dona de casa, Adalgisa ainda era professora municipal em uma escola rural próxima a Perdição, onde



ministrava aulas regulares e por isso recebia um pequeno salário. Destaque-se aqui que, embora Adalgisa trabalhasse fora de casa e recebesse um salário, o que pareceria uma condição da mulher moderna, no ambiente histórico em questão, ser professora era não apenas a única profissão aceita para mulheres, mas também uma profissão que era mais “própria” das mulheres, visto que guardava analogia com o papel de “segunda mãe” ou de “tia”. Assim, o que parecia ser um avanço moderno, nada mais era do que um mero consentimento muito cômodo dos patriarcas em razão da visão estereotipada de educação enquanto responsabilidade materna, ou seja, feminina.

Apesar de um casamento convencional e de uma rotina massacrante, desejos sufocados e palavras nunca pronunciadas, Adalgisa se mantinha firme, isto é, parecia bem, na perspectiva do olhar masculino do narrador-protagonista, seu filho. Assim, toda essa soma, como podemos perceber: “não foi bastante para desiludi-la, endurecê-la ou torná-la invisível. Aceitava o que lhe era oferecido pelo dia a dia sem se entristecer nem se lamentar – só a vi baquear quando a vida e a morte lhe tomaram os filhos.” (OP. CIT, 2016, p. 15), ou seja, sua personalidade se mantinha intacta, ela apenas acolhia sua existência e sina com resignação e bom humor, passando a valorizá-las, mesmo com as contrariedades da vida e do marido.

Esse contexto, no qual encontramos em Adalgisa a figura de uma mulher que, por estar acostumada a viver sob os modos patriarcais, aceita a repressão, ou seja, que admite ter a vida controlada pelo marido, o qual é totalmente submissa, nos permite pensar que ela é submetida pela violência simbólica, a qual o oprimido assimila o discurso do opressor com naturalidade. Portanto, veremos que, apesar de Adalgisa aceitar a repressão pela tirania masculina e admitir viver dessa forma, ela vai sofrer consequências, visto que vai ter que lidar com pessoas mais resistentes que não admitem e não aceitam, como por exemplo, sua cunhada que perde a sanidade mental e vive tendo crises loucura no sótão de sua casa, onde se encontra trancafiada sob seus cuidados, assim como, terá que suportar por passar por outros conflitos que lhe afetam diretamente, como veremos.

Uma outra consequência que afeta Adalgisa é ter que lidar com sua filha Ifigênia, que desde menina não aceita viver nos limites do patriarcalismo, o que acarreta vários conflitos na narrativa, que sempre resultavam em castigos severos do patriarca. Um dos acontecimentos mais cruéis que podemos destacar é a cena extremamente violenta em que o patriarca, após descobrir a gravidez repentina da filha devido a um incesto cometido, quase à mata espancada. Nessa cena pela primeira vez uma voz mais forte de Adalgisa se faz presente pelos gritos de desespero, chegando a clamar ao marido por piedade, como vemos: “pelo amor de Deus, para, Joaquim, para!” (OP.CIT, 2016, p. 48), aterrorizada com tal brutalidade e violência com a própria filha.

A imagem de uma mãe desesperada, pura dor e sofrimento é ainda mais visível e comovente pelo fluxo de memória do seu filho, como podemos observar: “(...) das lembranças daquele dia, da imagem de mamãe abraçada a Ifigênia, limpando-lhe o sangue da face, consolando-a, consolando-se, perdoa teu pai, filha, as pessoas fazem coisas horríveis quando sentem medo (...).” (OP. CIT, 2016, p.128). Soma-se a esse quadro a interferência de Inácio, filho de Adalgisa, amante e cúmplice da irmã na efetivação do incesto, que ao ver a Ifigênia ser violentada psíquico e fisicamente, não mede forças e atira-se sobre o pai afim e defendê-la e de se vigiar por tamanha crueldade.

O resultado de tudo isso é a expulsão de Ifigênia e Inácio de casa, o que afeta diretamente Adalgisa, que tem que sofrer em silêncio por ter que se afastar dos filhos

em tais condições e não poder ampará-los, uma vez que, se se atrevesse a desobedecer às ordens do patriarca machista, também seria expulsa e desconsiderada por ele. Dessa forma, uma das desgraças mais impactantes para Adalgisa é a partida do filho, que expulso de Perdição segue em rumo a cidade, lhe ocasionando uma grande dor enquanto mãe, como se vê ao observarmos pelo fluxo de memória de Inácio: “o que me vazou os olhos foi a imagem desfeita de mamãe, dobrada sobre os joelhos, o santo rosto no chão, golpeando a terra com as mãos fervorosas, como se clamasse uma prece de lábios cerrados, a um insuspeitado deus subterrâneo.” (OP. CIT, 2016, p.36.)

No entanto, é válido ressaltar que apesar da expulsão de Inácio de Perdição, Adalgisa sempre mandava praticamente todo pequeno salário que recebia para tentar ajudá-lo, além de enviar várias cartas, reforçando seu amor, saudade e preocupação. Depois de um tempo, ela passou até a visitá-lo na cidade com frequência, o que parecia quase impossível para Inácio visto que a mãe era totalmente dominada pela tirania machista do marido, como vemos:

Ocorria-me às vezes que papai pudesse impedi-la de me reencontrar, o que teria sido fácil, considerando o domínio que ele tinha sobre ela. Nunca cheguei a lhe perguntar como conseguiria impor seu desejo, em qualquer lugar de sua alma fora apanhar a firmeza para se pronunciar e desafia-lo, não, Joaquim, desta vez não serei fiel aos teus caprichos, não obedecerei à tua lei tirana, desta vez só ouvirei o meu coração, e o meu coração exige que eu esteja ao lado do meu filho. (ARNAUD, 2016, p. 14)

Importa ressaltar que o patriarcado não subentende necessariamente o machismo, no entanto, na obra, essa superioridade masculina é evidente, visto que o patriarca é tomado por um lado totalmente machista e opressor, como observamos ao longo dessa discussão e também no trecho acima, que revela o total domínio de Joaquim, principalmente sob a figura feminina de Adalgisa.

Outra desgraça impactante para essa mulher, assim como a partida do filho do sítio, é o suicídio de Ifigênia, exposto mais à frente no desenrolar da história, o que a faz mergulhar profundamente em uma dor inexplicável que é a de uma mãe ver a própria filha tirar a vida. No entanto, o sofrimento de Adalgisa, diante desse acontecido, não é tão descrito na narrativa, mas é trazido à tona a tragédia, a qual nos permite imaginar tamanha dor.

Nesse íterim, podemos notar que mesmo diante de tais condições, Adalgisa continua se permitindo ser refém da tirania masculina do patriarca pela reverência ao marido e suas ordens. Ela acata tudo que lhe era imposto, o que a leva a sofrer a vida toda em silêncio. Esse que é um mecanismo opressor, fruto do patriarcado e do machismo. Todo esse conjunto de circunstâncias causa em Inácio uma grande indignação pela total submissão da mãe em relação ao patriarca, como vemos: “Quando jovem, tinha a esperança de que algum dia ela pudesse se rebelar contra aquela realidade, especialmente a que incluía papai – por que te rendes às vontades dele, mãe, por que o adulas, por quê?, e ela, arrelviada, ora, Inácio, é meu marido!” (OP.CIT, 2016, p.14). Por fim, sobre Adalgisa, vale ressaltar que a sua condição de total submissão feminina não a impediu de ser afetada de várias formas pela crise do patriarcado, ou seja, ela sofreu consequências, as quais observamos em nossas discussões, mesmo aceitando e admitindo viver sob os modos patriarcais.

Uma outra personagem feminina que também vai ser afetada pela crise do patriarcado é a já citada Ifigênia. Fruto do casal nuclear da família Boaventura e o oposto da mãe, ela não admite viver sob os modos patriarcais, e, portanto, essa figura

feminina é retrato de insubmissão. Desde menina, já demonstrava um gênio forte que contrariava a família, bem como fugia do “modelo feminino” imposto pelo regime patriarcal, ou seja, ela não era como as outras meninas, não gostava de brincar de casinha, o que nos permite perceber que desde cedo não lhe agradava a ideia de ser dona de casa, assim como, não se deixava ser enfeitada pela mãe, como podemos observar pela lembrança do irmão: “Ifigênia corria solta pela mata, os pés livres de sandálias, os cabelos, de atavios, as roupas rotas, as unhas retintas, pernas e braços arranhados, despelados, picados e ronchados” (OP.CIT, 2016, p. 50)

Inquieta, Ifigênia tinha uma aspiração insaciável pelo novo, pelo diferente e sobretudo pelo livre. Contudo, somente conseguiu ser alfabetizada em casa, com a paciência da mãe, uma vez que o seu comportamento “não apropriado” e inquieto a impedia que assimilasse as aulas, ao mesmo tempo que incomodava alunos e professores. Nesse ínterim, ela vivia agarrada com todo tipo de bicho, muitas vezes movida pela curiosidade a procura de respostas para o que lhe era desconhecido, se via examinado os avessos de certos animais ou desmontando eletrodomésticos de casa para entender seu funcionamento, assim como, costumava fugir de casa no intento de se sentir um pouco “livre”. Por isso, estava sempre explorando o seu pequeno mundo lá fora, nos limites da fazenda Perdição, e só voltava para casa quando era caçada pelos irmãos, que eram mandados pela mãe para trazê-la de volta para casa antes que o patriarca descobrisse.

Mesmo com a liberdade feminina interdita pelo pai, machista, opressor e violento, Ifigênia não escondia quem era, nem deixava de fazer o que queria, evidenciando que ela não admitia viver em condição submissa ao pai, ou a quem quer que fosse, como se vê ao observarmos pelo fluxo de memória do seu irmão a resposta de Ifigênia, quando ainda na infância Inácio a questionava o que ela queria ser quando crescesse: “ela, afirmativa, quero continuar sendo o que sou, fazendo o que faço, Inácio. Mas não podes passar a vida inteira brincando, Ifigênia, eu insistia. Por que não?, retrucava, empinando-se, qual o rei que mandou dizer que não posso? (OP.CIT, 2016, p. 42) (grifo nosso.). Não é à toa que a transgressão de Ifigênia é demarcada desde a sua infância, evidenciando a sua postura insubmissa e afrontosa, que não aceita viver sob os modos patriarcais, como evidenciamos pelo grifo.

Dona de uma personalidade indomável, Ifigênia é corajosa, transgressora e irreduzível em igual medida. Ninguém conseguia impedi-la de ser quem era, muito menos de exigir sua submissão, pois ela não se rendia de forma alguma, ainda que isso lhe custasse sofrer castigos cruéis. Nem se quer demonstrava medo, era a única da família Boaventura que ousava contrariar o patriarca, mesmo que fosse com suas fugas, suas rejeições ao que lhe era imposto ou suas encaradas revestidas de um silêncio desafiador e provocativo, que conseguiam atingir o patriarca, como vemos:

Ifigênia, nem o seu Joaquim Boaventura conseguia pôr-lhe peia, a única que arrostava, sem palavras, a cabeça erguida, o olhar aprumado. Peça perdão ao seu pai, menina do gênio ruim, implorava mamãe, e ela não lhe dava ouvidos, não arredava de si, empertigada, os lábios grossos bem abotoados, senhora de um mundo indevassável. Sentindo-se desafiado papai ia e vinha, em passadas vigorosas, enrolando e desenrolando a corda, pigarreando, grunhindo, e o silêncio da filha, que vinha de cima, que não se dobrava, vencia-o, punha sua soberba rente ao chão. (ARNAUD, 2016, p. 41)

Longe da submissão exigida, o comportamento libertário de Ifigênia muitas vezes lhe acarretava severas punições do patriarca, punições essas as quais ela não se rendia, se mantinha firme em sua dureza, não reclamava e nem demonstrava dor, como vemos: “ela não chiava se os grãos de milho lhe rasgavam os joelhos, nem

escoiceava quando, rês no mourão, a corda da urtiga lhe bordava o lombo, uns vergões que no final do corretivo mamãe cobria com canfora e lágrimas.” (OP.CIT, 2016, p. 132).

Tudo isso fazia com que as pessoas da sua família, sobretudo a sua mãe, acreditassem que todas as suas atitudes eram apenas orgulho próprio ou capricho, no entanto, Ifigênia desejava mostrar a sua família o que estava fincado em seu ser, a certeza de que era possível romper os paradigmas do patriarcado e viver em liberdade, sem está sujeito a um poder despótico, assim como Inácio supunha, ela almejava: “(...) mostrar, a nós, trancafiados em nosso servilismo e temor, que era possível viver sem julgo, e daquela firmeza triste que alçava dentro dela rebentava um canto de liberdade. (...) hoje enxergo sua insubmissão como uma forma digna de sobrevivência.” (OP.CIT, 2016, p.41).

Um acontecimento bastante forte na narrativa, já mencionado antes, que envolve essa personagem feminina, é a agressão extremamente violenta sofrida por Ifigênia no momento em que o patriarca descobre a gravidez repentina da filha, decorrida do incesto, como podemos observar pela lembrança narrada por Inácio: “(...) também estava lá quando o impedi que matasse a própria filha, depois de tê-la arremessado contra a parede, chutando-a violentamente, enquanto rugia vadia, vadia, quem foi o canalha? (...)” (OP.CIT, 2016, p. 48). Diante dessa situação, importa compreender que para a sociedade ocidental, o incesto é considerado um absurdo inaceitável. Sendo assim, quando cometido cria-se uma mancha indelével na família e é justamente por isso que Ifigênia sofre essa violência brutal, no entanto há uma grande hipocrisia, já que Joaquim Boaventura, seu pai, também cometeu incesto no passado.

Diante de todo esse conjunto de circunstâncias e por ir contra aos mecanismos do patriarcalismo, Ifigênia se suicida, como podemos observar pelo fluxo de memória de Inácio quando relembra:

Que lembranças obsedantes, que sentimentos caóticos teriam martirizado Ifigênia em seus últimos momentos, afastando-a do instinto mais primário, aquele que nos mantém ardentemente apegados à vida? Que terror obscuro, que força sombria a conduzira aos últimos gestos, o de laçar a corda no frechal, amarra-la ao pescoço e chutar a cadeira que mantinha sob os pés, partindo o fio da própria vida (...). (ARNAUD, 2016, p. 131)

Este suicídio é a consequência sofrida por essa personagem feminina, por estar aprisionada pelos valores e moldes de vida tradicionais do patriarcalismo, e, entretanto, não os admitir, pelo menos para si, revelando seus ideais libertários, como a liberdade feminina e a igualdade de direitos proclamados pela modernidade.

Dessa forma, é interessante observar como tal situação acarreta uma consequência tão lesiva para essa mulher, uma vez que diferente das outras pessoas ao seu redor que continuam vivendo a vida plenamente, Ifigênia precisou se matar para que sua voz e sua presença pudessem ser demarcadas, assim, seu suicídio é um ato de resistência ao patriarcalismo, como se protestasse pela sua existência tal como era. Essa atitude radical torna a figura dessa mulher um símbolo de resistência, para além de retrato de insubmissão. No mais, vale ressaltar que essa personagem feminina modernizada evidencia a decadência do patriarcado, visto que sua figura enquanto mulher insubmissa e resistente aponta para uma ruptura no sistema patriarcal, contexto que ganha força tanto historicamente quanto no contexto ficcional da obra em questão.

Mencionada anteriormente, Florinda é mais uma mulher que também é afetada pela crise do patriarcado. Tia de Ifigênia e de Inácio e irmã do patriarca, Joaquim, o qual comete incesto com ela no passado, essa personagem após essa ação, passa a viver aprisionada no sótão da casa da família Boaventura, sob os cuidados de Adalgisa, sua cunhada. Diferente das outras personagens femininas discutidas anteriormente, a vida da chamada Tia Florinda pouco é retratada no enredo, assim como, ela não tem voz literalmente, nem tem um narrador-personagem que fale por ela. No entanto, essa personagem não se deixa passar despercebida, como podemos observar pela lembrança do sobrinho:

Então vinham as crises, os ataques violentos, e os vagidos varavam a serra, atingindo os ouvidos mais moucos, inquietando os corações mais remotos, os mais empedernidos como o do meu pai, que se ausentava de casa para escapar da latomia triste, para se ver livre do suplício de imobilizá-la, amarrando-a à cama. (ARNAUD, 2016, p. 43)

Ao contrário do que se poderia imaginar em um primeiro momento, essa personagem feminina é bastante expressiva, apesar de viver em tais condições. Os gritos das suas crises de loucura não só demarcam a sua voz e a sua existência naquele lugar, mas também revelam o seu silenciamento forçado, visto que a expressividade da personagem correlacionada ao espaço em que ela vive nos permite entrever que o fato de Tia Florinda não ter voz não é à toa, mas sim efeito de uma imposição masculina despótica, advinda de um contexto ainda opressor.

Sendo assim, a loucura dessa personagem feminina é uma consequência traumática sofrida por esta mulher. Assim como Ifigênia, ela também se encontra com a vida pautada no paradoxo de estar presa nesse contexto sociocultural que ainda é patriarcal, machista e opressor, e, no entanto, não admitir viver sob tais condições. Contudo, é interessante notar que, com a liberdade restringida pelo contexto em que vivia, a loucura, apesar de uma consequência lesiva e trágica para essa mulher, lhe possibilitava que fosse livre, pelo menos em “si mesma”, como vemos pelas lembranças do sobrinho: “A loucura deixava as pessoas extraordinárias. Apartada do mundo, íntegra e livre em si mesma, no seu existir invulnerável (...)” ARNAUD, 2016, p. 44.

Em outras palavras, essa figura feminina em sua vida paradoxal foi forçada a silenciar-se pela tirania masculina; precisou viver trancafiada em um sótão devido ao incesto; e sobretudo rompeu com a plenitude da vida, enlouquecendo, para ser resistente ao sistema patriarcal, e poder gritar a sua voz e a sua existência, enquanto as outras pessoas seguiam suas vidas plenamente. Além disso, a personagem Tia Florinda, mesmo encarcerada e sem um suposto lugar de fala, se revela crucial para a compreensão desse contexto, em o patriarcado mesmo em decadência, ainda tem força pungente que acarreta consequências cruéis, como a sua loucura.

Por fim, não menos importante temos a personagem leda, uma mulher da cidade que conhece Inácio por acaso na universidade, lugar onde ambos estudavam, e acaba por se tornar sua esposa mais tarde. Residindo na cidade e pertencente a um casamento tradicional, leda é uma mulher amorosa, atenciosa e cuidadosa com o marido, esse que havia se tornado reflexo vivo do pai, ou seja, acabara por se tornar o mesmo patriarca machista em outras roupagens, mas que, leda até então, tão pouco conhecia. Dessa forma, por algum tempo, existia nesse casamento uma cumplicidade cotidiana, mas logo as coisas começaram a mudar e leda começou a enxergar um marido que não conhecia, pois Inácio se revelou um homem frio e extremamente ausente, que vivia isolado de qualquer convívio social, desde amigos da família e

colegas de trabalho, como até mesmo da sua própria esposa leda e de sua filha Isabel, pois vivia habitualmente, como vemos: “(...) encastelado no escritório, atracado aos livros, um fantasista inveterado, engegueirado em palavras, sem tempo nem disposição para interagir (...) ARNAUD, 2016, p. 31.

Assim, logo leda passou a ter que lidar com esse isolamento em que se mantinha o patriarca, assim como, com um marido ausente. No entanto, mesmo diante desse cenário, leda apenas aceitou o isolamento do patriarca, continuou sempre ali, cumprindo o seu “papel de boa esposa”, tolerando os vícios e as atitudes do marido e com cuidado e amor insistindo no relacionamento. Por meio de bilhetes que vivia deixando pela casa, rogava para o marido ir comer, ir dormir e sobretudo para ele ir viver, na tentativa de estabelecer um mínimo de convívio familiar. Contudo, não tinha retorno algum, nada mudava. Não bastasse o total isolamento em que se mantinha, Inácio passou a trair leda constantemente, como podemos observar pela afirmação do próprio Inácio:

Eu a traía com frequência. Deitava-me com colegas e alunas, até mesmo com algumas de suas amigas – relacionamentos casuais, restritos a quatro paredes, páginas em branco -, e ainda levava para a nossa cama a memória das mulheres das ruas (..), e das impossíveis (...). ARNAUD, 2016, pg.81

Após suspeitar e posteriormente ter certeza das contínuas traições do patriarca, leda passou a manifestar a sua indignação diante do comportamento do marido, como podemos observar: “Inácio por que tornas as coisas tão difíceis, o que te leva buscar lá fora o que tens em casa, por acaso eu te falto? Achas que eu mereço essa dor, essa humilhação?” (ARNAUD, 2016, p. 81). Porém, o patriarca machista nem se quer lhe pedia desculpas, nem tampouco se mostrava arrependido, disposto a parar. Dessa maneira, depois de um tempo, já cansada de tantas queixas e súplicas inúteis, leda passou a aceitar o fato de que seu marido continuava a lhe trair e não ia mudar, não importasse o que ela fizesse, assim, ela deixou de se queixar, passou a sofrer em silêncio a dor daquela humilhação massacrante, bem como recorreu a outros desígnios como válvula de escape, como vemos: “Investiu-se de silêncio e abraçou outros sonhos (...) a educação da filha, o magistério, mestrado, doutorado, programas culturais, viagens, e toda essa infinidade de coisas que as pessoas inventam para não caírem dentro de si, para não enlouquecerem. ” (ARNAUD, 2016, p. 126). É nesse momento que se percebe o hibridismo entre a tradição e a modernidade, reflexos da regionalidade.

Diante desse contexto, é importante notar como a superioridade masculina que se evidencia principalmente pelo fato das constantes traições de Inácio, enfatiza o poder masculino do patriarca machista, que oprime essa personagem feminina e a acorrenta à submissão. Portanto, leda também é retrato de submissão feminina, pois reflete a condição da mulher que é oprimida e silenciada, que precisa aceitar o isolamento constante do marido, assim como, suas constantes traições e ainda ter que engolir os vícios e as atitudes do patriarca. Posto isso, é interessante notar que mesmo essa personagem feminina morando na cidade grande, ela sofre com as mesmas imposições machistas que, superficialmente, parecem acontecer somente em ambientes tradicionais e considerados atrasados no século XX, como sítios e cidades interioranas. Em outras palavras, mesmo não morando no sítio Perdição, como as outras personagens já discutidas anteriormente que sofriam com o regime patriarcal e machista, leda também sofria com as mesmas questões, mesmo pertencente ao ambiente citadino.

Nesse ínterim, mesmo com toda a resignação de Leda, o patriarca repentinamente decide se afastar de modo definitivo dela e de sua filha, isto é, abandoná-las sem nenhum motivo, o que causava em Leda uma grande indignação, como podemos observar: "(...) ignoro o que te consome, Inácio, mas o que quer que seja não te autoriza essa ausência, não te dá o direito de te manteres inacessível as pessoas que te amam. ARNAUD, 2016, pg. 28-29. Além da ausência de um marido e pai para sua filha que já era duramente sentida por essa mulher, diante do isolamento em que o patriarca se matinha, Leda agora sofria com a dor do abandono, que sem justificativa nenhuma, gerava uma dolorosa incompreensão. O injusto e cruel abandono do patriarca ainda se tornava mais lacerante para Leda, pelo ato ter sido tomado por livre e espontânea vontade do marido, como podemos observar pela fala do próprio narrador-personagem: " O que a vulnerava com mais força era o fato de eu não estar sendo arrebatado contra minha vontade, de ser eu mesmo a renunciar a uma existência ao lado dela e de Isabel, de lhes faltar espontaneamente. " ARNAUD, 2016, pg. 27.

Assim, o abandono, paralelo a incompreensão, foi a consequência sofrida por essa personagem feminina, que, como vemos, também não deixou de ser afetada pela crise do patriarcado, mesmo sendo totalmente submissa ao marido, admitindo viver sob os modos patriarcais, e por isso ter que se sujeitar a conviver com a falta de amor, com um marido inacessível, constantes traições, acatando todas as atitudes do patriarca e sua tirania masculina, as quais foram observadas em nossas discussões, para no fim sofrer com a profunda dor de tamanha consequência.

Ao observarmos as personagens femininas acima discutidas, é interessante notar que elas são diferentes entre si, mas ao mesmo tempo muito próximas, visto que estão locadas em meio à uma fase de mudanças socioculturais, ou seja, em um período de transição, entre os valores e modos de vida tradicionais do patriarcalismo e suas fraturas com o moderno, em que o velho e o novo coexistem, reverberando a crise do patriarcado, que como vimos ao longo de nossas discussões, gerou consequências lesivas para essas mulheres.

Em outras palavras, Adalgisa, Ifigênia, Tia Florida e Leda, encontram-se em um mesmo espaço simbólico que reflete um contexto social e histórico ainda patriarcal, mas em desconstrução, em lento processo de decadência, que interfere diretamente em suas vivências, ao ponto de acarretar as consequências sofridas por cada uma dessas personagens femininas, independentemente se elas admitem ou não viver sob os modos de tal contexto.

#### **4 CONCLUSÃO**

A partir deste estudo pudemos compreender que uma tendência regionalista tem se renovado em narrativas contemporâneas através da regionalidade. Essa que propõe a recriação de um espaço físico de maneira ficcional, como um meio simbólico de refletir um dado contexto histórico-social de uma determinada região e ao mesmo tempo correlacioná-lo à constituição do indivíduo contemporâneo e suas problemáticas. Recriando assim, vivências que se originam nesses lugares, mas ultrapassam os limites espaciais. Por conseguinte, pudemos concluir que a obra *Liturgia do Fim*, de Marília Arnaud, pode ser considerada uma narrativa regionalista, isto é, uma obra que nos possibilita refletir sobre a ficcionalização do patriarcado em crise e suas consequências através da regionalidade, que se traduz na reconstrução do sítio Perdição enquanto um espaço metafórico, reflexo de um contexto patriarcal.

Além disso, através desta análise fundamentada nas metáforas literárias de *Liturgia do Fim* e na hermenêutica do interdiscurso, pudemos observar como os campos discursivos da literatura e da cultura se entrelaçam, visto que em nossa análise nos deparamos com um sistema social, com ideologias, desigualdade de direitos, agressão e silenciamento feminino, autoridade moral e privilégios sociais, ou seja, aspectos culturais, imbricados na tessitura narrativa da obra supracitada. Nesse contexto, as metáforas encontradas na superfície textual, nos permitiram alcançar múltiplos sentidos que remeteram as consequências do patriarcado em crise sofridas pelas personagens femininas da obra estudada. Assim, também concluímos que o estudo literário do drama existencial dessas personagens femininas e suas relações com o sistema patriarcal, contribui para alargar a compressão da cultura e da sociedade.

Destarte, a obra em questão nos permite essas conclusões graças ao tema patriarcado, em sua crise de transição e as figuras das mulheres, isto é, Adalgisa, Ifigênia, Tia Florinda e Ieda, suas vivências, conflitos e consequências sofridas, respectivamente, ter que lidar com pessoas mais resistentes e as desgraças; o suicídio; a loucura; e o abandono; Que nos permitem entrever, na tessitura narrativa, aspectos de um regionalismo sobrevivente no qual se manifesta um patriarcado em crise que gera consequências para essas personagens femininas que se encontram locadas em meio a esse momento de transição de ruptura do tradicional com o moderno.

Portanto, a obra supracitada, evidencia através da história dessa tragédia familiar nordestina, que perpassa duas gerações, como o patriarcalismo mesmo em decadência, ainda possui poder e força pungente, que foi, e ainda é, capaz de gerar essa série de consequências extremamente lesivas para essas mulheres, realidade que muitas mulheres ainda tem passado, ou seja, ainda vivenciam, devido a existência de lugares em fase de transições socioculturais, assim como esse ficcionalizado na obra.

Esta obra literária ainda demonstra ser uma rica fonte, que possibilita um estudo aprofundado das interpretações acerca do trágico, isto é, do destino trágico do ser humano, visto que a narrativa possui um alto teor trágico, entrevisto principalmente através das personagens Ifigênia e Tia Florinda. No mais, estudar os sentidos da crise do patriarcado ficcionalizados na obra e manifestados sobretudo por meio das figuras femininas e do próprio tema patriarcado, não nos permitiu apenas que conhecêssemos como o regionalismo se renova na contemporaneidade, mas também, que refletíssemos sobre a ficcionalização da vida humana, a partir dessa teia que costura literatura e cultura, literatura e sociedade.

## REFERÊNCIAS

ARNAUD, Marília. **Liturgia do fim**. São Paulo: Tordesilhas, 2016.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e subdesenvolvimento**. In: \_\_\_\_\_. (Org.). A educação pela noite. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006. p. 140-162.

CHIAPPINNI, L. **Regionalismos e regionalidades num mundo supostamente global**. In: MACIEL, D. A. V (Org.). Memórias da Borborema. Campina Grande: Abralic, 2013, p. 21-64



\_\_\_\_\_. Do beco ao belo: dez teses sobre o regionalismo na literatura. **Estudos históricos**. Rio de Janeiro, v. 8, p. 153-159, 1995.

DALCASTAGNÉ, Regina. **Literatura Brasileira Contemporânea: Um território contestado**. Rio de Janeiro: Editora Horizonte, 2012.

FIORIN, José Luiz. **Elementos de Análise do Discurso**. São Paulo: Contexto, 2005;

MAINGUENEAU, Dominique. **Novas Tendências em Análise do Discurso**. Campinas, SP: Pontes/ ED. DA UNESP, 1997.

NAZARÉ, Manuella Mirna Enéas de. **O regional na literatura contemporânea: Enfoque sobre Galiléia e Livro dos Homens, de Ronaldo Correia de Brito**. 2017. Dissertação (mestrado em Letras) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2017.

COSTA, Patrícia Valéria Vieira da. **O silenciamento das personagens como expressão do trágico, em Cartilha do silêncio, de Francisco José Dantas**. Dissertação (mestrado em Letras) – Universidade Estadual da Paraíba. 2017.

\_\_\_\_\_. XV ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LITERATURA COMPARADA, 2016, Rio de Janeiro. **Anais eletrônicos do XV encontro ABRALIC – 19 a 23 de setembro de 2016**. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2016. 6908 p. 3155 – 3166.

PELINSER, A. T.; ALVES, M. M. . A permanência do Regionalismo na literatura brasileira contemporânea. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, n. 59, p. 1-13, 24 jan. 2020.

RICOEUR, Paul. **Teoria da Interpretação**. Porto: Porto Editora, 1995.

SANTINI, Juliana. A formação da Literatura Brasileira e o *regionalismo*. **O eixo e a roda**. Minas Gerais, v. 20, p. 69-85, 2011.

## AGRADECIMENTOS

À Deus, antes de tudo, que me deu o privilégio do existir e oferece-me sempre a plenitude do seu amor, direcionamento e fortaleza em minha caminhada.

À minha mãe, Edinalva, por me amar e por permanecer ao meu lado sempre, mesmo quando não me compreende. Amo-te.

Às minhas irmãs, Gabriella e Camylla, pelo amor fraternal, pelo companheirismo e apoio.

Ao meu amor Sávio Mateus, pelo companheirismo e paciência, que foram imprescindíveis nesse processo. Pela calma, que me faz desacelerar e espairar das preocupações que por vezes eu alimento. Obrigada por sempre me motivar e ser um exemplo para mim. Amo você.

À Larissa Santana, pela amizade e cumplicidade desde a infância, minha amiga de vida e de graduação, obrigada pelo apoio e pelas vibrações.

À Ana Flávia, minha prima e amiga, pela ajuda, pelo incentivo e apoio. Obrigada pelas vivências divididas na graduação e pelas vibrações.

Ao meu querido amigo, Pedro Henrique, pela parceria, pelo apoio e lealdade ao longo da graduação. Obrigada pela cumplicidade e cooperação, pelos sorrisos diários, que tornaram esse percurso mais leve, pela ajuda e sobretudo pela amizade que construímos.

Aos meus amigos de sala: Amanda e Katiane, pelo tempo que permaneceram no curso, Daniella Maria, Aliny Angelys, Ana Beatriz, Marcos Marques e Arthur Velásquez pelos saberes partilhados, pelas ajudas e por tudo que vivenciamos juntos ao longo da graduação.

Ao meu orientador Prof. Dr. Eli Brandão, por me acompanhar desde a iniciação científica, por ter acreditado no meu potencial e por me guiar nos caminhos da produção acadêmica. Obrigada pelo aprendizado, pela paciência, pelas sugestões e retificações que me permitiram a realização deste trabalho.

À minha co-orientadora Patrícia Costa, pela grande ajuda, pela motivação e também por ter acreditado no meu potencial. Obrigada pelo apoio, pela paciência e tempo dedicado a mim, pelas indicações, correções e reajustes. És uma inspiração de mulher e professora para mim.

Aos professores Prof. Dr. Antônio Carlos de Melo Magalhães e Prof<sup>a</sup>. Ma. Silvana Kelly Gomes de Oliveira, por se disponibilizarem a participar desta banca, contribuindo na minha constituição acadêmica.

À Tatiana Fernandes Santana, pela oportunidade e confiança nos estágios. Obrigada pelas ajudas, pelos aprendizados e pelas vivências, tão cruciais nessa fase de formação acadêmica.

A todo o corpo docente do curso de Letras da Universidade Estadual da Paraíba, por contribuírem com o meu crescimento e formação, em especial, aos Professores Prof. Ms. João Paulo Andrade dos Santos e Prof. Ms. Jhonatan Leal da Costa, pelos exemplos de esforço e dedicação que constituem o profissional.

A todos, reitero o meu amor e a minha gratidão.